

ROBERTO MILEU (*)

A EXPLORAÇÃO FAMILIAR NO ALENTEJO

O trabalho aqui publicado visa principalmente dar conta de alguns dados que, de forma sintética, foram apresentados à discussão num dos grupos deste Colóquio. Procurou-se com eles suscitar, no contexto da discussão havida, uma reflexão sobre a exploração familiar no Alentejo, isto é, trazer à análise da pequena agricultura o contributo que as particularidades desta região representam.

Não se trata pois de um texto acabado, pelo que os dados utilizados não são objecto de uma explicação ou de comentários desenvolvidos. Igualmente se tomam como dados, não os indo portanto discutir, os sistemas de produção e rotação utilizados. Tomamos portanto aquilo que podemos considerar como a situação-tipo de uma aldeia do Alto Alentejo e através do critério do rendimento (padrão necessariamente geral) desenvolveremos os nossos cálculos.

ÁREAS NECESSÁRIAS E RESPECTIVO APROVEITAMENTO

Para estimação da área de uma exploração familiar baseada no trabalho de um casal a que se atribua uma receita familiar igual a dois salários mínimos, considerou-se o aproveitamento cultural mais habitual na região (sem a componente pecuária)—Trigo (Margem Bruta/ha 8 166\$00), Aveia (MB/ha 5 710\$00), Cevada (MB/ha 5 200\$00), Cártamo (MB/ha 4 500\$00), Girassol (MB/ha 5 700\$00), Olival (até 2 ha, MB/ha 30 400\$00; 4 ha, MB/ha 25 900\$00).

O nosso trabalho consistiu em, a partir das margens brutas e das produtividades da terra, calcular a dimensão necessária à obtenção da receita familiar referida. Consideraram-se duas situações: conta própria e arrendamento. A rotação por que se optou foi a seguinte: Alqueive, Trigo, Aveia.

(*) Direcção Geral de Extensão Rural do M.A.P.

ÁREAS NECESSÁRIAS PARA ESTA ROTAÇÃO

Cultura Arvense de Sequeiro

a) Sem renda: 48 ha

Donde:

16 ha de Alqueive

16 ha de Trigo x 8 166\$00=130 656\$00

16 ha de Aveia x 5 710\$00=91 360\$00

Margem Bruta global e Margem Líquida 222 016\$00

b) Com renda (1 350\$00/ha): 66 ha.

Donde:

22 ha de Alqueive

22 ha de Trigo x 8 166\$00=179 625\$00

22 ha de Aveia x 5 710\$00=125 620\$00

Margem Bruta global 305 272\$00

Encargos Fixos (Renda — 66 x 1 350\$00) 89 100\$00

Margem Líquida 216 172\$00

Cultura Arvense de Sequeiro e 2 ha de Olival

a) Sem renda: 36,5 ha

Donde:

Alqueive — 11,5 ha

Trigo — 11,5 ha x 8 166\$00=93 909\$00

Aveia — 11,5 ha x 5 710\$00=65 665\$00

Olival — 2 ha x 30 400\$00=60 800\$00

Margem Bruta Global (Receita do Casal) 220 374\$00

b) Com renda: (1 350\$00/ha cas e 3 000\$00/ha de Olival): 53 ha

Donde:

Alqueive — 17 ha

Trigo — 17 ha x 8 166\$00=138 822\$00

Aveia — 17 ha x 5 710\$00= 97 070\$00

Olival — 2 ha x 30 400\$00= 60 800\$00

Margem Bruta Global 296 692\$00

Encargos Fixos:

Renda Cas — 51 ha x 1 350\$00 = 68 850\$00
 Olival — 2 ha x 3 000\$00 = 6 000\$00 74 850\$00
 Margem líquida (Receita do Casal) ... 221 842\$00

Cultura Arvense de Sequeiro e 4 ha de Olival

a) Sem Renda: 29,5 ha

Donde:

Alqueive — 8,5 ha
 Trigo — 8,5 ha x 8 166\$00 = 69 411\$00
 Aveia — 8,5 ha x 5 710\$00 = 48 535\$00
 Olival — 2 ha x 30 400\$00 = 60 800\$00
 2 ha x 21 400\$00 = 42 800\$00
 Margem Bruta Global 221 546\$00

b) Com Renda: (1 350\$00/ha de Cas e 3 000\$00/ha de Olival): 43 ha.

Donde:

Alqueive — 13 ha
 Trigo — 13 ha x 8 166\$00 = 106 158\$00
 Aveia — 13 ha x 5 710\$00 = 74 230\$00
 Olival — 2 ha x 30 400\$00 = 60 800\$00
 2 ha x 21 400\$00 = 42 800\$00
 Margem Bruta Global 283 988\$00

Encargos Fixos

Renda: de Cas 39 ha x 1 350\$00 = 52 650\$00
 de Olival 4 ha x 3 000\$00 = 12 000\$00
 64 650\$00

Margem líquida (Receita do Casal) 219 338\$00

RESUMO

OCUPAÇÃO CULTURAL (ha)					M. B. Global	Encargos Fixos (renda)	Margem Líquida (casal)
Alq	Trigo	Aveia	Olival	Total			
16	16	16	—	48	222 010\$00	—	222 010\$00
22	22	22	—	66	305 272\$00	89 100\$00	216 172\$00
11,5	11,5	11,5	2	36,5	220 374\$00	—	220 374\$00
17	17	17	2	53	296 692\$00	74 850\$00	221 842\$00
8,5	8,5	8,5	4	29,5	221 546\$00	—	221 546\$00
13	13	13	4	43	283 858\$00	64 650\$00	219 208\$00

O PROBLEMA DA MECANIZAÇÃO

Tendo as alternativas anteriormente expostas sido baseadas no aluguer total ao exterior das máquinas/alfaías necessárias, vamos abordar a hipótese de a exploração possuir um pequeno parque de máquinas/alfaías vulgares na região.

1 Tractor Ford, 54 HP	— 686 000\$00	
1 Reboque basculante	— 110 000\$00	
1 Grade de discos	— 68 000\$00	
1 Charrua reversível	— 63 000\$00	927 000\$00

Admitindo o empréstimo do capital para aquisição a uma taxa de juro de 11,75%, pagável a 5 anos, resultaria um encargo fixo para a exploração de $927\,000\$00 + 544\,610\$00 = 1\,471\,610\$00$ (não incluindo o valor residual), que dividido «grosso modo» pelos dez anos de vida útil, representaria um encargo fixo anual de 147 161\$00, com total incidência nos primeiros cinco anos (pagamento do empréstimo e juros).

Ora, e ainda em relação ao aproveitamento cultural anteriormente exposto, as horas de utilização seriam, por ano:

Cultura arvense de sequeiro	— 630 horas
Cas e 2 ha de Olival	— 547 »
Cas e 4 ha de Olival	— 499 »

Nesta base (máquinas e alfaías próprias) as áreas necessárias seriam:

Sem renda: 54 ha
Com renda: 72 ha

O problema, que se agrava com a inclusão do Olival na exploração, coloca as seguintes questões para este tipo de explorações familiares:

- Até que ponto se justificam parques de máquinas e alfaías mesmo que pequenos com o investimento a que obrigam os encargos fixos que originam.
- O papel importante de utilização de máquinas em comum por vários agricultores.
- A necessidade, em explorações minimamente dimensionadas, de dar de aluguer ao exterior as próprias máquinas com o problema da coincidência dos perío-

dos de utilização própria com os de procura do aluguer. Saliente-se o facto de não se conhecerem alugadores de máquinas na zona que tenham «enriquecido» a alugar as suas máquinas/alfaías.

ACTIVIDADES PECUARIAS

Em termos de aproveitamento agro-pecuário deste tipo de explorações susceptível de fazer diminuir as áreas necessárias, as alternativas seriam:

Vacas de leite
Engorda de novilhos
Suínos
Animais de capoeira

Vacas de leite

Não sendo o Alentejo, em linhas gerais, reconhecida-mente região para vacas leiteiras, o facto é que elas proliferam, sobretudo a nível de explorações familiares.

As razões desta proliferação são, quanto a nós, de natureza diversa:

- a) O incremento, a nível nacional, que a partir da década de 70 foi dado à produção de leite com o conseqüente aumento do preço. Isto originou o aparecimento de grande número de produtores de leite com efectivos entre 3 e 10 vacas leiteiras.
- b) O facto de a actividade *vaca de leite* originar uma receita mais ou menos regular ao longo do ano (recebimento quinzenal), o que ao contrário do que acontecia com as culturas tradicionais de sequeiro permite um relativo desafogo económico.

O que é facto é que, mesmo com custos de produção elevadíssimos (comparados com outras regiões), os produtores individuais com vacas de leite se têm aguentado e conseguiram um incremento de receita do empresário e da família com a introdução desta actividade.

Naturalmente que se lhes põem neste momento perspectivas sombrias:

- O tendencial aumento do custo da alimentação (e esta é na ordem dos 8/10 Kg de concentrado por dia e por vaca);
- A incerteza sobre o aumento correspondente do preço do litro de leite.

Poder-se-á pôr, como solução, a reconversão do aproveitamento cultural no Cas, com a introdução de forragens consociadas (em substituição da aveia, por exemplo), para alimentação em verde, fenação, ensilagem. Isto levanta outra questão que se prende sobretudo com o grau de utilização e elevado custo de máquinas apropriadas. Mais uma vez aparece aqui a necessidade de utilização em conjunto de máquinas específicas.

Engorda de novilhos

Parece-nos ser, em termos de futuro, uma actividade com bastante mais hipóteses do que *vacas leiteiras* (resolvidos os problemas de reconversão cultural e de mecanização); levantam-se, no entanto, algumas questões:

- a) O elevado preço a que estão a ser pagos os vitelos à nascença (15 000\$00 a 20 000\$00) o que constitui um encargo que terá de ser diluído pelas diferentes fases de recria e engorda;
- b) A grande dependência de concentrados;
- c) O espaço de tempo necessário de presença na exploração até à saída, com uma reposição entre 1/1,5 Kg dia.

Não se inclui aqui a alternativa *ovinos* se bem que seja, quanto a nós, a melhor delas, dado o tipo de explorações em questão (familiares) e as áreas necessárias para um racional aproveitamento. Em termos de futuro pensamos, contudo, ser uma das soluções, aceite que seja pelos empresários a ideia de que nem só rebanhos de 200/300 ovelhas são rentáveis, pondo de parte o aproveitamento até à exaustão do leite (alavões) e a progressiva viragem para a produção de carne.

Suínos

Sendo uma actividade onde o risco é enorme, ela tem levantado a vida a muitos agricultores e estragado a de outros tantos.

É, no entanto, actividade a considerar, sobretudo tendo em conta a ocupação de mão de obra familiar disponível e com resultados a curto prazo.

Salienta-se, entretanto, a quase total dependência do exterior (concentrados) o que pode originar problemas grandes como os acontecidos aquando da última falta de concentrados (abortos, mortes, etc.).

A oscilação no mercado do gado suíno é, como se sabe, acentuada.

Animais de capoeira

Campo muito pouco explorado a nível de explorações familiares, salvo no que respeita ao auto-abastecimento, pode ser campo aberto a um incremento da receita familiar.

A MÃO DE OBRA

Familiar

Numa exploração familiar deste tipo a ocupação anual, em dias, cifrar-se-á para o casal, à volta dos seguintes números:

Empresário — 120/150 dias

Mulher — 40/ 60 »

É tido aqui em conta que mesmo na hipótese de máquinas alugadas o agricultor estará presente aquando da sua utilização e que irá (como vai de facto) com frequência «ver as suas searas».

Nas Explorações Cooperativas UCPs

Abrem-se para este tipo de explorações alternativas não viáveis nas explorações familiares, ou sejam todas aquelas actividades que ocupam mais mão de obra e que, aparecendo em épocas de ponta, permitem às Cooperativas/UCPs a utilização de um factor fixo e disponível (mão de obra), além de requererem áreas maiores e rotações mais longas (casos do tabaco, grão de bico, horto-industriais, etc.).